

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Faculdade de Psicologia

Luis Eduardo Costa Silva

**MENTIRAS E MEMÓRIAS FALSAS: DEFINIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO,
SIMILARIDADES E DIFERENÇAS.**

Belo Horizonte
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Faculdade de Psicologia

Luis Eduardo Costa Silva

**MENTIRAS E MEMÓRIAS FALSAS: DEFINIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO,
SIMILARIDADES E DIFERENÇAS.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Campus Coração Eucarístico, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Mra. Sandra Maria de Castro Bernardes

Belo Horizonte
2021

Luis Eduardo Costa Silva

**MENTIRAS E MEMÓRIAS FALSAS: DEFINIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO,
SIMILARIDADES E DIFERENÇAS.**

Monografia apresentada ao programa de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Campus Coração Eucarístico, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Profª Mra. Sandra Maria de Castro Bernardes – PUC Minas (Orientadora)

Profª Mra. Maíra Glória de Freitas Cardoso – PUC Minas (Leitora)

Belo Horizonte, 31 de maio de 2021

*Aos meus amigos,
que me mostraram a verdade mais bela que é a que vivemos juntos.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus e aos que amo (meus pais Hudson Brígido da Silva e Mirian Moura Costa Silva e minha namorada Sheila Souza Dias Gontijo), por me permitirem chegar até aqui, me incentivarem e apoiarem; aos meus amigos e irmãos de consideração que eu também amo (Ana Carolina - Pandy, Paula Brandão, Bruna Machado, Vitória Roteia, João Victor, Gustavo Andrade, João Carlos, Carol Souza, Henrique Barçante, Fernanda Navarro) que me ouviram falar várias vezes sobre este trabalho e auxiliaram quando possível. Aos professores, pesquisadores da área e pessoas que mostraram interesse por este trabalho e auxiliaram (Sandra Bernardes, Maíra Cardoso, Moisés Júnior, Rui Joaquim, Caio Ferreira, Renata Riguini e Rafael Velasquez) ajudando-me a buscar fontes e referências e acreditaram neste. Agradeço ao meu cachorro Astro Sathler por me fazer companhia nas várias noites que passei acordado escrevendo e desenvolvendo este. Gostaria de agradecer pela oportunidade de tentar gerar conhecimento, aprender e ensinar. Por último também aos que praticam o comportamento de enganar e mentir por me fazerem questionar se existe uma forma de descobrir quando isso acontece.

*“Nenhum mentiroso tem uma memória suficientemente boa
para ser um mentiroso de êxito.”*

(Abraham Lincoln)

RESUMO

O trabalho aqui apresentado, voltou-se para a tentativa de acrescentar ao conhecimento do leitor, alguns conceitos básicos e existentes no que se refere à mentiras e memória falsa, usando do conteúdo apresentado por pesquisadores como Darwin, Piaget, Skinner, Ekman, Joaquim, Stein, Matsumoto, Baddeley, Izquierdo, Papalia, Feldman e também Shaw no que temos sobre comportamento e a memória. Foi visto que muito envolve a mentira e a memória falsa, e elas podem ocorrer em variados momentos; a identificação destas é possível, mas não é garantida. Com o saber dos sinais aqui mostrados, os conceitos trazidos e as explicações apresentadas é esperado que o leitor venha a acrescentar algo ao seu repertório no que diz respeito a quais comportamentos considerar ou não quando suspeitando de que algo não seja verdade. E que academicamente o trabalho venha a auxiliar e possivelmente ser usado/referenciado em futuras pesquisas. A metodologia aplicada se deu através da obtenção e revisão de livros e artigos, buscando-se utilizar de fontes confiáveis e realizar nestas, a pesquisa para a obtenção dos dados aqui apresentados.

Palavras Chave: Psicologia. Neuropsicologia. Comportamento. Mentira. Memória.

ABSTRACT

The work here presented, directed itself to the attempt of adding to the reader knowledge, some basics and existing concepts, which refer to lies and false memory, making use of the content presented by researchers as Darwin, Piaget, Skinner, Ekman, Joaquim, Stein, Matsumoto, Baddeley, Izquierdo, Papalia, Feldman and also Shaw. Have been seen, much evolves lying and false memory, and they can occur in a variety of moments; the identification of those is possible, but not assured. With the knowledge of the signs here shown, the concepts brought and the explanations presented its expected that the reader, add something to his repertory in what refers to which behaviors to consider or not when suspecting that something is not true. And in academic terms is expected that this paper support, and possibly be used/referred to, in future researches. The methodology used was made by obtaining and reviewing books and articles seeking to use sources obtained and perform a search for the information contained herein.

Keywords: Psychology. Neuropsychology. Behavior. Lie. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Emoções Básicas.....	35
Figura 2 - Agonia e Tristeza.....	36
Figura 3 - Desviando Olhar.....	52
Figura 4 - Expressão de Raiva.....	53
Figura 5 - Olhar baixo.....	54
Figura 6 - Gargalhada.....	54
Figura 7 - Raiva.....	55
Figura 8 - Desprezo.....	56
Figura 9 - Desprezo.....	56
Figura 10 - Mãos ao Rosto.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA	15
3 O COMPORTAMENTO DA MENTIRA: breve revisão histórico-conceitual	16
4 O COMPORTAMENTO DE MENTIR	18
5 FUNÇÕES EXECUTIVAS	20
5.1 Memória	20
<i>5.1.1 Tipos De Memórias E Suas Funções</i>	<i>21</i>
5.1.1.1 Memória Sensorial	21
5.1.1.1.1 Memória Icônica	22
5.1.1.1.2 Memória Ecóica	22
5.1.1.1.3 Memória Olfativa	22
5.1.1.1.4 Memória Háptico-Sensória	23
5.1.1.2 Memória de Curto Prazo ou Memória de Curta Duração	23
5.1.1.3 Memória de Trabalho	24
5.1.1.4 Memória Não-Declarativa	24
5.1.1.4.1 Memória Procedural e Memória Motora	24
5.1.1.4.2 Memória Implícita	25
5.1.1.5 Memória Declarativa	25
5.1.1.5.1 Memória Episódica	25
5.1.1.5.2 Memória Semântica	25
5.1.1.5.3 Memória Dependente do Estado (Físico-Fisiológico)	26
5.1.1.5.4 Memória Dependente do Humor	26
5.1.1.6 Memória e a Realidade	26
5.1.1.6.1 Memórias Falsas	26
5.1.1.6.2 Confabulações	27
5.1.1.7 Memória de longo prazo e memória remota	28
<i>5.1.2. O Que É Necessário Para Que Uma Memória Seja Registrada?</i>	<i>28</i>
5.2 Atenção	28
5.2.1 Atenção Seletiva	29
5.2.2 Atenção Dividida	29
5.2.3 Atenção Alternada	29
5.2.4 Atenção Sustentada	29
5.2.5 Seleção de resposta e controle executivo	29
6 A MENTIRA E A CRIANÇA: breves conceitos	30
6.1 Desenvolvimento Psicológico	30
6.2 Desenvolvimento Cognitivo	31

7 A MENTIRA E A FALSA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA DO TESTEMUNHO	33
7.1 Entrevistas e Interrogatórios	33
7.2 A mentira na entrevista	34
7.2.1 <i>Fala</i>	34
7.2.2 <i>Voz</i>	35
7.2.3 <i>Movimentos Corporais</i>	35
7.2.4 <i>Expressões Faciais</i>	36
7.3 A Falsa Memória Na Entrevista	39
8 MENTIRAS E MEMÓRIAS FALSAS: existem sinais?	40
8.1 Mentiras	40
8.1.1 Sinais Não Verbais	42
8.1.1.1 Sinais Corporais Não Faciais	42
8.1.1.1.1 Gestos	42
8.1.1.1.2 Cognição	43
8.1.1.1.3 Contato Visual	43
8.1.1.1.4 Tensão	44
8.1.1.1.5 Postura	44
8.1.1.1.6 Alterações No Comportamento	44
8.1.1.1.7 Alterações Na Memória	45
8.1.1.1.8 Sinais Vocais	45
8.1.1.2 Sinais Faciais	46
8.1.2 <i>Sinais Verbais</i>	46
8.2 Memórias Falsas	47
8.2.1 <i>O Comportamento</i>	47
8.2.2 <i>Sinais Cognitivos</i>	48
8.2.3 <i>Suspeição de Veracidade da Memória</i>	48
9 DETECTAR A PRESENÇA E DIFERENCIAR MENTIRAS E MEMÓRIAS FALSAS, ATRAVÉS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO É POSSÍVEL?	49
9.1 Tentando Detectar o Comportamento de Mentir: o que considerar?	49
9.2. Tentando Detectar As Falsas Memórias: O Que Considerar?	52
9.3 Como Poderia Ocorrer Uma Detecção De Mentira? (Hipótese)	52
9.3.1 <i>Descrição da situação</i>	53
9.3.2 <i>Descrição e Análise da Entrevista</i>	53
9.4 Como Poderia Ocorrer Uma Detecção De Memória Falsa? (Hipótese)	61
9.4.1 <i>Descrição Da Situação</i>	61
9.4.2 <i>Descrição e análise da entrevista</i>	61
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63

1 INTRODUÇÃO

Mentiras e memórias falsas habitam um campo similar, o das coisas que não são verdade, seja parcial ou totalmente. Mentiras são por definição praticar o ato de voluntariamente e de forma consciente não praticar a verdade (PIAGET, 1994). As mentiras são identificadas quando uma informação passada vai voluntariamente contra a verdade, assim eliminando a possibilidade de se mentir sem intenção. As pseudo-mentiras (falsas mentiras) não são assim categorizadas. Também, não se encaixam no critério aqui trabalhado as patológicas, as quais não ocorrem voluntariamente (conforme o nome elas são impulsionadas por causas patológicas, sendo assim a pessoa não possui controle ativo).

Sabendo disso devemos explicar também as memórias falsas que mesmo não sendo verdades, ocorrem na tentativa de dizer ou lembrar a verdade, elas se encontram nos momentos em que a pessoa afirma algo que julga se lembrar, contudo aquela lembrança ou memória, nunca ocorreu exatamente conforme o relatado ou lembrado, o fato é que, a pessoa não se lembra exatamente o acontecido, mas o cérebro para não deixar esta “lacuna” em sua memória, a preencheu com alguma suposição criativa, que ocupasse tal posição.(EKMAN, 2009; IZQUIERDO, 2018)

Existem dados que nos auxiliam a identificar uma mentira, quando ela ocorre, e a forma como a pessoa que a conta se entrega sem notar que mostrou estar mentindo (EKMAN, 2009; MATSUMOTO; FRANK; WHANG, 2013; KNAPP; HALL; HORGAN, 2017), (e segundo Piaget (1994), este comportamento de mentir se inicia aproximadamente aos 2 anos de idade, se correlacionando com o início da fala). Os dados sobre a detecção de mentiras e identificação de memórias falsas não são totalmente fiéis pelo seguinte motivo, não podemos afirmar com certeza quando uma pessoa está mentindo (EKMAN, 2009) e não existem dados científicos absolutos. Mas temos dados confiáveis que nos relatam a definição de o que é uma mentira (EKMAN, 2009). Sobre as memórias falsas existem dados

científicos que explicam o motivo destas ocorrerem e a probabilidade de ocorrerem em certos momentos (IZQUIERDO, 2018). Abordaremos estes aos poucos, de forma que o conteúdo aqui apresentado possivelmente possa auxiliar na prática da detecção do comportamento de mentir e da memória falsa.

2 METODOLOGIA

A metodologia aqui escolhida se deu através da forma narrativa, utilizando-se inicialmente de pensadores da psicologia e estudiosos sobre a filosofia e o comportamento como Piaget, Skinner, Darwin, Aristóteles, Platão, Santo Agostinho e Ekman. A partir destes foi iniciada uma busca bibliográfica de autores que abordassem os temas aqui selecionados como Stein (memórias falsas), Baddeley (memória), Dalgarrondo (desenvolvimento), Joaquim (memória e detecção de mentiras), Izquierdo (memória), Neath e Radvansky (memória). Foram realizadas reuniões com um pesquisador de expressões faciais e entrevistador investigativo (Ferreira). De forma que o foco se voltasse para a área da psicologia, neuropsicologia e a psicologia do testemunho. Além do uso de livros foram aplicados artigos que se mostraram relevantes durante a pesquisa.

3 O COMPORTAMENTO DA MENTIRA: breve revisão histórico-conceitual

Contar uma mentira é um comportamento voluntário, ou seja, o mentiroso pode escolher mentir ou não, e sabe a diferença entre mentir e ser verdadeiro, mentir é “trair consciente e intencionalmente a verdade” (PIAGET, 1994, p. 114). Contudo o mentiroso pode com o tempo acreditar em sua própria mentira (neste caso a pessoa com quem isto acontecer deixará de ser mentirosa). Mentirosos patológicos não se encaixam no requisito aqui trabalhado, apesar de estarem relatando coisas que não são verdades, eles não controlam a si mesmos devido à sua patologia (portanto não escolhem mentir) (EKMAN, 2009). Dito isso podemos afirmar que o mentir é um ato consciente, contudo questionamos, desde quando praticamos tais atos. Buscaremos nos informar sobre as bases morais, éticas, anatômicas e subjetivas (psicológicas, de comunicação verbal e não-verbal) que influenciam no comportamento de mentir e detectar uma pessoa que conta uma mentira, trabalharemos uma coisa de cada vez, vamos começar pelo básico e aos poucos vamos aprofundando.

Ao avaliarmos de uma forma geral, a fala no ser humano se inicia de forma compreensiva (não plenamente) aos 2 anos de idade; identificamos por volta destes que se inicia a expansão rápida de seu vocabulário, mesmo isso não ocorrendo com todas as crianças (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Nesta mesma fase se começa a identificar mentiras contadas pelas crianças, seja por medo, influência de outros, ou qualquer outra justificativa.

Mas o que seria que a filosofia (e os filósofos) nos tem a dizer sobre a mentira? Sócrates dialoga com Hípias e Êudico, sobre a posição de: Qual homem é superior? (No sentido de evoluído, mais elevado, sábio ou possuidor de conhecimento). O que mente voluntariamente, ou que mente involuntariamente? Afirmando que, lhe parecem superiores os que mentem voluntariamente, devido à

sua capacidade de escolha entre o praticar ou não o comportamento de mentir. (PLATÃO, 2020). Também em outro diálogo, este entre Sócrates e Adimanto, é afirmado que a coisa que mais se teme é a mentira. E em outro momento afirmando para Glauco que, o homem amante da ciência, odeia a mentira. (PLATÃO, 2020). Sendo assim podemos dizer que para Sócrates mentira aparentemente apenas pode ser praticada por aqueles que possuem conhecimento, contudo os que verdadeiramente buscam o conhecimento (homens da ciência) não são favoráveis ao comportamento mentiroso. Temos também Aristóteles Afirmando que:

Uma falsa enunciação é a enunciação *do que não é*, na medida em que a enunciação é falsa...um homem *falso* é quem apronta e deliberadamente faz tais enunciações simplesmente por fazê-las e sem nenhuma outra razão específica; e quem imprime tais enunciações a outras pessoas, como dizemos que são falsas as coisas que produzem uma falsa impressão. (ARISTÓTELES, 2012, p. 166).

Com isto podemos perceber a coerência filosófica sobre a mentira e sua definição aqui utilizada.

4 O COMPORTAMENTO DE MENTIR

A capacidade de mentir, surge aproximadamente aos 2 anos de idade, contudo, apenas a partir dos 8 anos que é realmente identificada a mentira propriamente dita, no período entre os 2 à 8 anos de idade, qualquer informação que não seja verídica, ou qualquer acordo que não venha a ocorrer (uma promessa de se fazer algo, ou dizer que x coisa irá acontecer que não venha a se concretizar) é tratada como mentira pela criança (EKMAN, 1991). Embora a criança a partir de 2 anos (PIAGET, 1994) já seja capaz de "mentir" (neste contexto seria reproduzir informações não verdadeiras mas a criança aqui não apresenta a capacidade de mentir por conta própria /voluntária), ela não reconhece o conceito de mentira (em toda a sua complexidade) usado socialmente até os 8 anos de idade. Estudos mais recentes mostram que a criança pode utilizar-se do comportamento de mentir que se perpassa pelo processo cognitivo, para fins não pessoais, entre os 4-5 anos (RHODES *et al.*, 2015), sendo assim vemos que mesmo sem compreender o conceito em sua vasta complexidade, a criança é capaz de apresentar o comportamento de manipular informações, gerando falsas crenças à partir de suas enunciações.

Sobre a habilidade de mentir, não há uma fonte que informe a partir de qual momento ela surgiu na história, mas apresentamos um conceito de identificação de quando ela se inicia no desenvolvimento cognitivo humano, e como ela ocorre (quais áreas cerebrais são ativadas/usadas).

O comportamento de mentir como vimos acima está correlacionado com a aquisição e desenvolvimento da linguagem e juntamente com esta, temos os processos cognitivos (funcionamento executivo) que são utilizados. Estes se dão principalmente no córtex pré-frontal (CPF), que é responsável pelas funções executivas superiores, o comportamento de planejar, e ocorre com a condição que as funções executivas, estejam funcionais (JOAQUIM, 2019).

Estudos de neuroimagem têm relacionado o CPF e regiões cerebrais integradas a ele ao comportamento de enganar (Kireev, Korotov, Medvedeva, Masharipov, & Medvedev, 2017). Isso é consistente com a

hipótese de que mentir envolve as funções executivas. (JOAQUIM, 2019, p. 61).

O CPF, “ocupa a porção mais anterior do lobo frontal” (FUENTES *et al.*, 2014, p. 37), sendo ele o responsável por organizar a conexão entre as partes que realizam os processamentos vindos do meio externo (sensorial) também os vindo do meio interno (como emoções e motivação), assim realizando um monitoramento do comportamento.

O comportamento de mentir não é simples, ao analisarmos este de forma mais detalhada notamos que ele exige interação intencional, elaborada e planejada, que tenha sido estrategicamente elaborada para que venha a acontecer com sucesso. Considerando também a vivência passada, o indivíduo que pretende apresentar este comportamento, analisará os estímulos e condições presentes no ambiente nos momentos prévios e durante o momento que o mentir se faz presente. Sendo assim se faz necessário o uso das funções executivas,

Do ponto de vista neuropsicológico, enganar ou mentir demanda uma ação coordenada, uma ação estratégica. Ao mentir é preciso monitorar a fala via audição, controlar respostas que devem ser inibidas, observar o interlocutor, pensar sobre o que se está falando ou observando, pensar sobre o que o outro pode estar pensando, bem como verificar a plausibilidade dos próprios enunciados, avaliando também os do interlocutor. Mentir é uma operação cognitivo-comportamental complexa que demanda uma ação integrada das funções neurocognitivas, uma operação de ordem das funções cognitivas. (JOAQUIM, 2019. p. 65).

O comportamento de mentir, além de envolver as funções cognitivas e a linguagem verbal, utiliza também de outros meios de interação, podendo ser estes verbais ou não, tenhamos como exemplo as expressões (micro ou macro) faciais que são apresentadas, ou inibidas no ato da mentira, também temos a voz, e seu tom, timbre e volume, o olhar e sua direção e os gestos corporais (EKMAN, 2009). O comportamento de mentir utiliza tanto processos e meios internos quanto externos do corpo. Alguns destes serão trabalhados mais à frente.

5 FUNÇÕES EXECUTIVAS

Funções executivas são o conjunto de habilidades que permitem o planejamento, execução e monitoramento do comportamento, dos objetivos suas motivações. Sendo assim elas participam ativamente dos seguintes processos cognitivos: Planejamento, Controle Inibitório, Tomadas de Decisão, Flexibilidade Cognitiva, Memória Operacional, Categorização e Fluência (FUENTES *et al.*, 2014) stas são necessárias para que o comportamento de mentir se manifeste os aprofundaremos inicialmente no tópico referente à atenção e memória para que possamos também abordar a memória falsa posteriormente. (Contudo poderemos ao longo deste trabalho abordar outras funções executivas).

5.1 Memória

Para Izquierdo (2018, p. 1) ““Memória” significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações”, as informações que ficam registradas na mente do ser humano s primeiras memórias que usualmente se tem acesso são registradas a partir dos 2-3 anos de idade, contudo há relatos de pessoas que acessaram memórias de fatos que ocorreram antes desse período. Usualmente as primeiras memórias que temos acesso, são as relativas à infância; segundo o conhecimento popular/comum, memória se refere à lembrança de fatos ocorridos. A memória possui variados tipos e funções, destas participam partes do cérebro, não funcionando individualmente, mas estando conectadas através de uma rede interligada (FUENTES *et. al.*, 2014). Ela afeta diretamente a personalidade resultante do desenvolvimento, pois para que haja formação do indivíduo, se faz necessário o aprendizado, e para que ele ocorra é preciso que ocorram os processos da memória. Estes por sua vez também fazem parte da história, sendo assim notamos quão vasto o significado da palavra memória é, podendo ser utilizada em variados contextos.

5.1.1 Tipos De Memórias E Suas Funções

As memórias são subdivididas em múltiplos sistemas, não sendo, portanto, trabalhadas de forma como se fossem uma mesma coisa, alguns dos motivos por trás desta divisão são: 1- Fator Heurístico: É como se fosse uma referência, uma regra, não explica exatamente o que ocorre, pode não ser sempre fiel mas costuma funcionar na maioria das vezes quando aplicada. 2- Não generalização: Não podemos generalizar, embora possam ser referidas de forma que encaixem no contexto, memórias não são todas iguais. 3- Estudos científicos: Segundo estudos vários processos estão envolvidos na memória, e nestes estudos foi notado o processo de dissociação, que ocorre quando uma variável experimental apresenta efeitos diferentes em tarefas variadas (TERRY, 2018).

Abordaremos os tipos de memória de forma resumida, explicando a função de cada uma brevemente.

5.1.1.1 Memória Sensorial

A memória sensorial é a mais breve, ela retém informações para que informações sensoriais sejam processadas, (por exemplo, memória visuo-sensorial, retém informação visual) (RADVANSKY, 2017). O estudo dela se guia pelos seguintes aspectos empíricos, a persistência do estímulo e persistência da informação (pesquisas recentes sugerem que estes não são os mesmos fenômenos). (NEATH; SURPRENANT, 2003). A memória sensorial, possui variados registradores sensoriais pois os sistemas sensórios diferentes processam informações cada um à sua forma.

Esses serão mencionados brevemente nos próximos tópicos. Lembramos que as informações retidas por esta memória podem ser transferidas para a memória de curto e também para a de longo prazo dependendo do estímulo presente, de sua intensidade, intervalo e contexto.

5.1.1.1.1 Memória Icônica

Memória Icônica é a forma que é utilizada para se referir “[...] à breve armazenagem da informação visual [...]” (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011, p. 20). Ela possui a duração aproximada de um quarto de segundo (250 milissegundos), contudo, pode conter uma grande quantidade de informações (RADVANSKY, 2017). Ela é dividida através de dois fenômenos, persistência do estímulo e persistência da informação. A descrição e conceituação desta memória vêm mudando ao longo do tempo, devido às descobertas cada vez mais recentes, gerando assim uma necessidade de revisão nas teorias existentes (NEATH; SURPRENANT, 2003).

5.1.1.1.2 Memória Ecóica

O termo Memória ecóica se refere à parte sensorial auditiva da memória, temos de forma parecida o que a memória icônica é para a visão. A representação mental da memória ecóica é o eco, a memória ecóica se difere da icônica devido às demandas e necessidades presentes, ela considera a natureza temporária e transitória do som. Ela possui a duração com uma média aproximada de quatro segundos, podendo manter grandes quantidades de informação (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.1.3 Memória Olfativa

Pouco se sabe ainda sobre a memória olfativa, não existem pesquisas suficientes que nos permitam fazer vastas conclusões, ainda é necessária uma maior investigação que afirme com maior propriedade se a memória olfativa é uma

memória é parte ou faz parte do sistema sensorial, contudo o que se afirma sobre ela até o momento indica que dentro do intervalo de trinta segundos pouco é esquecido, este número cai quando o intervalo é aumentado para dois minutos (NEATH; SURPRENANT, 2003).

5.1.1.1.4 Memória Háptico-Sensória

Fazendo referência ao toque, a memória háptico-sensória apresenta considerações de variáveis como a pressão, temperatura, tempo de duração do toque, a área de contato, e suas alterações de intervalo ao longo do tempo, embora seu intervalo de armazenamento seja de 1.3 segundos, ela pode armazenar uma quantidade considerável de informações (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.2 Memória de Curto Prazo ou Memória de Curta Duração

Esta memória ainda não foi totalmente esclarecida, sendo assim sua origem (natureza), permanece desconhecida, ela realiza o processamento de informações além do tempo que a memória sensorial apresenta, mas seu armazenamento não costuma ultrapassar alguns segundos sendo estes não ultrapassando usualmente o prazo de um minuto. Ela está presente no ato de pensar, “quando as pessoas estão pensando, elas estão usando informações da memória de curto-prazo.” (RADVANSKY, 2017, p. 115). A quantidade de informações que podem ser armazenadas nela é limitada, sendo o alcance desta “com frequência sendo descrita como sete mais ou menos dois *pedaços*¹ de informação... alguns pesquisadores tem argumentado que a capacidade é apenas quatro mais ou menos dois itens” (RADVANSKY, 2017, p. 116). Sendo assim a memória de curto prazo ou de curta duração é uma memória de limitada capacidade, embora

¹ Nota do Autor: O texto original utiliza o termo “*chunks*” que se traduz como: um pedaço, uma massa de significante extensão, uma quantidade considerável de qualquer coisa. Ou seja, pode se referir a qualquer tipo de informação, sendo ela, por exemplo, qualquer número composto por um ou mais dígitos (cada número é uma informação). Assim o termo “*chunks*” abre uma gama infinita de significados se direcionando para as informações às quais se refere.

apresente uma maior que a sensorial, ainda sim a quantidade de informações e tempo de armazenamento são pequenos.

5.1.1.3 Memória de Trabalho

A memória de trabalho é associada com a função operacional, ela mantém armazenada informações por tempo necessário para que possamos ligar uma tarefa à outra nos auxiliando a realizar afazeres complexos, como ler um número de telefone, memorizá-lo, discar o mesmo, e segundos depois não lembrarmos mais do número discado. Ou seja, ela realiza a conexão entre informações para que possamos agir (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011).

5.1.1.4 Memória Não-Declarativa

A memória não-declarativa (que possui um tempo de duração superior às anteriores), é aquela a qual se armazena em uma parte do cérebro a qual não temos acesso direto, essa memória se armazena em uma parte mais profunda sendo sua operação em um nível inconsciente, ela por si possui informações que são difíceis ou até mesmo impossíveis que sejam lembradas ou faladas de forma mais afirmativa ou precisa (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.4.1 Memória Procedural e Memória Motora

Estas memórias são associadas aos afazeres diários (IZQUIERDO, 2018) a forma como eles são realizados, são relacionados às habilidades das quais normalmente não sabemos como as desenvolvemos. Se referem à memória procedural o conhecimento necessário para a execução e a parte motora, é dirigida ao aspecto da execução mais propriamente, apresentando-se a necessidade de prática para que o hábito se concretize (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.4.2 Memória Implícita

A memória implícita é aquela sem ciência, ou seja, a pessoa não nota o comportamento sendo apresentado ou adquirido. Podendo ocorrer de forma automática (IZQUIERDO, 2018). Em certos momentos as pessoas podem sentir um *déjà vu*, sendo este um tipo de memória implícita, associada com algo que ocorreu, em algum momento se tornando uma memória similar, mas ainda sim diferente (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.5 Memória Declarativa

Memórias declarativas são as que conseguimos/podemos falar, por isto o uso do termo declarativas. Nelas são registradas nossas memórias associadas com conhecimentos adquiridos, eventos ocorridos e experiências vividas (RADVANSKY, 2017; IZQUIERDO, 2018).

5.1.1.5.1 Memória Episódica

Memórias associadas aos momentos vividos, passados pela pessoa, são denominadas, memórias episódicas (IZQUIERDO, 2018).

5.1.1.5.2 Memória Semântica

São associadas com informações conhecidas de forma mais comum entre todos, ou maioria, informações mais gerais, estas são as memórias semânticas (IZQUIERDO, 2018).

5.1.1.5.3 Memória Dependente do Estado (Físico-Fisiológico)

O estado em que a pessoa se encontra, se for similar ao estado da memória que ela deseja se lembrar, auxilia, sendo assim a lembrança pode ser reforçada ao praticar comportamento similar ao que ocorreu no momento que a memória foi adquirida (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.5.4 Memória Dependente do Humor

O humor ou a emoção podem influenciar a memória, estes são armazenados na memória juntamente com o ocorrido e com este, são associados. Assim também se o humor ou estado emocional que a pessoa se encontra no momento for similar ou o mesmo de quando a memória foi registrada, haverá uma maior facilidade de acessar o ocorrido (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.6 Memória e a Realidade

Através da memória nós acessamos a realidade, contudo, nem sempre nossas lembranças estão diretamente ligadas à realidade ou são fiéis ao que realmente aconteceu (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.6.1 Memórias Falsas

Em certos momentos da vida, nos lembramos de fatos, eventos e experiências que não são reais, pois nunca aconteceram, contudo a lembrança destes é real o suficiente ao ponto de nos levar a afirmarmos que ocorreu verdadeiramente que acontece nestes momentos é uma falsa memória (e não um comportamento de mentir), ela pode ocorrer no intervalo curto de quatro segundos

após obtermos uma informação (uma memória após ser adquirida, depois do intervalo trazido pode apresentar falhas e ter estas falhas preenchidas com informações que não são verdade), ou seja a falsa memória pode ocorrer enquanto experienciamos qualquer coisa. Elas ocorrem com mais frequência quando “há um contexto plausível” (RADVANSKY, 2017, p. 436), ou seja, a possibilidade de que uma memória seja registrada é maior quando existem várias associações entre os ocorridos no momento, quanto maior o número de ocorridos maior a probabilidade de uma falsa memória surgir. Falsas memórias podem estar associadas também, com a origem de onde veio a informação, pode ser associado com o comportamento de ouvir algo que não foi emitido, mas na verdade apenas ocorreu em pensamento, também se faz presente em momentos que há a junção de fatos diferenciados mas similares em uma única memória da vez que uma memória é acessada ela se altera de alguma forma, seja através da fala “Pois a informação verbal difere da informação visual, nossa memória do que nós falamos altera a memória do que vimos” (RADVANSKY, 2017, p. 447) (lembrando que nem sempre que falamos sobre uma memória nós a alteramos para pior existe o efeito de facilitação verbal, qual pode auxiliar na criação de estratégias que permitam um acesso mais fácil a alguma memória ou parte), através de revelações, que entram em conflito (conflito de informações novas com velhas) gerando a sensação de estar lembrando algo que ocorreu. E também através das misturas de memórias (memórias diferentes sendo misturadas no processo de recuperação com o comportamento de se lembrar).

Existe a possibilidade de uma “manipulação” da memória feita por outra pessoa, que influencia no comportamento de lembrar, gerando assim uma falsa memória implantada (RADVANSKY, 2017). A memória falsa pode ocorrer e surgir em vários casos, o que temos como dificuldade é como diferenciar ela de uma memória verdadeira.

5.1.1.6.2 Confabulações

Confabulações são as falsas memórias que ocorrem após algum dano cerebral (RADVANSKY, 2017).

5.1.1.7 *Memória de longo prazo e memória remota*

Nesta parte das memórias de longo prazo estão as memórias declarativas e não declarativas, elas se tornam memórias de longo prazo devido ao fato que duram mais tempo que o necessário para a execução de uma tarefa, ou afazer, ficando assim armazenadas para lembrança em outro momento (BADDELEY; ANDERSON; EYSENCK, 2011), as memórias de longo prazo que “duram muitos meses ou anos costumam ser denominadas memórias remotas”. (IZQUIERDO, 2018, p. 24).

5.1.2. *O Que É Necessário Para Que Uma Memória Seja Registrada?*

Para que algo seja registrado na memória, é necessário que haja algum tipo de afeto, este afeto pode ser emocional, ou sentimental podendo este afeto auxiliar ou dificultar o registro da memória dependendo de sua intensidade. O humor, estado psicológico, emocional, fisiológico (interno e externo), influenciam no registro das memórias, quanto mais forte forem mais intenso será o afeto, e potencialmente mais forte a memória do momento será (IZQUIERDO, 2018).

5.2 Atenção

Podemos afirmar que a atenção é o ato de concentrar a atividade mental sobre determinado objeto, sendo esta uma forma de direcionar a consciência (DALGALARRONDO, 2019). Funcionando assim como uma forma de focar em alguns fatores externos/internos, ao mesmo tempo em que outros ocorrem mas não são notados. Segundo Dalgalarondo (2019) a atenção, para a neuropsicologia possui alguns tipos são estes apresentados a seguir.

5.2.1 Atenção Seletiva

Se refere à seleção do que é relevante (estímulos ou informações), quer seja para o processo cognitivo, ou para a pessoa quem a executa. Esta atenção é utilizada para definir prioridades (qual estímulo será captado e qual será abstraído).

5.2.2 Atenção Dividida

A atenção em determinados momentos, não aplicará seu foco em um estímulo apenas, em certas situações, dois ou mais estímulos serão selecionados e serão captados, podendo estes ser paralelos ou não.

5.2.3 Atenção Alternada

Esta modalidade ocorre quando a mudança de foco entre estímulos se faz presente, sendo esta de forma voluntária.

5.2.4 Atenção Sustentada

Aqui fazemos referência ao ato de focar em algum estímulo ou atividade por determinado período de tempo, sendo ele normalmente médio ou longo (minutos ou horas). Contudo, quanto mais tempo se passa, menor o nível do foco.

5.2.5 Seleção de resposta e controle executivo

O conceito aqui abordado se faz de suma importância, devido ao fato que o foco atencional, faz conexão com o planejamento ou a execução de uma ação.

“Assim a atenção está sempre envolvida na seleção não apenas dos estímulos e das informações, mas também das respostas e do controle destas” (DALGALARRONDO, 2019. p. 85).

6 A MENTIRA E A CRIANÇA: breves conceitos

O comportamento de mentir surge a partir dos 2 anos (SALEKIN *et al.*, 2020) através da forma da fala, podendo se fazer presente em momentos indeterminados, a criança adquire uma certa compreensão sobre este comportamento aos 4 anos (JOAQUIM, 2019) podendo então fazer uso do dele. Neste momento notamos as intenções e motivações por trás da mentira, embora a criança possa ainda não possuir um pleno discernimento da extensão dos significados da mentira (EKMAN, 2009), ela apresenta a capacidade de fazer uso de tal comportamento de forma ativa, podendo se beneficiar do mesmo ou apresentá-lo com uma específica finalidade, sendo ela algum benefício próprio, de outros ou até mesmo com a finalidade de transmitir uma mensagem/ensinar algo (JOAQUIM, 2009). Após (aproximadamente) os 8 anos a criança apresenta plena capacidade de compreensão de todas as dimensões do significado de mentira (EKMAN, 1991). Encontramos à partir daí não apenas a compreensão mas também a manifestação do comportamento de mentir em toda a sua complexidade, pois como sabemos, o conceito de mentira (embora aqui seja abordado de forma definida), pode variar de acordo com a região, cultura e até mesmo momento/tempo.

6.1 Desenvolvimento Psicológico

Ao longo do seu desenvolvimento a criança apresenta alguns estágios que fazem parte do desenvolvimento do juízo moral da criança, influenciando assim sua concepção e referência de mentira sendo estes a anomia, a heteronomia e a autonomia (PIAGET, 1994). Estes estágios possuem funções e descrições:

Segundo Piaget (1932/1994), o primeiro estágio da consciência das regras, denominado anomia e vivido até por volta dos dois anos, é puramente individual. Nesse, a criança pequena adquire hábitos que compõem todo um código de regras individual, inventando estes rituais para o seu próprio prazer. Estes esquemas individuais não correspondem a regras pensadas a priori, mas a situações que exigem regularidade de comportamento. Já o segundo estágio, o da heteronomia, que se inicia por volta dos 2 anos e acompanha a criança até os 9 anos, aproximadamente, aparece como um comportamento intermediário entre aqueles puramente individuais e os socializados. Piaget (1932/1994) assinala que, nesse estágio, a criança imita o comportamento do adulto porque acredita que as regras vêm de fora, de outro que é superior a ela. Além disso, outra característica desta fase é a de que o pensamento infantil permanece isolado a qualquer tipo de interação. Deste modo, momentaneamente a criança acredita que as regras são sagradas, recusando-se em modificá-las, pois considera a mudança desta como uma falta. Sendo assim, mesmo que a criança acredite na sua participação e na opinião dos outros, ela permanece fechada em seu próprio ponto de vista, pois nesta fase o que a interessa é simplesmente o desenvolvimento de suas habilidades para conseguir acertar as ações observadas naqueles que estão a sua volta. Por isso, nesse estágio os detalhes das regras não fazem diferença, pois não existe interação de fato entre as crianças, o que existe é pura imitação (Piaget, 1932/1994).

Por volta dos dez anos, a criança atinge o terceiro e último estágio da consciência das regras (a autonomia), quando a regra é vista como resultado de uma livre decisão, digna de respeito quando mutuamente consentida (Piaget, 1932/1994).

Piaget aponta três importantes mudanças que ocorrem quando a criança alcança este estágio: (1) ela aceita a mudança da regra, desde que todos obedeçam à decisão; (2) acredita que as regras são temporais e que, por isso, não são mais eternas; e (3) assim como os adultos, acredita que as regras são estabelecidas pouco a pouco. A partir do momento em que esse tipo de pensamento faz parte da criança, ou seja, diante do momento que a regra da cooperação (da autonomia) substitui a da coação (da heteronomia), que a lei se torna uma “lei moral efetiva” (Piaget, 1932/1994, p. 64). Concebendo a maleabilidade da regra, a criança toma consciência da importância da lei e procura entendê-la, não mais apenas segui-la como fazia até então.

Como a autonomia pressupõe a descentração cognitiva¹, o autônomo se afasta das regras morais impostas a fim de avaliar seu valor. A criança heterônoma realiza um movimento contrário, pois ainda está com o pensamento centrado, ficando impedida de que ela tome consciência de sua individualidade (Reis, Dipe & Manuel, 2009). (PESSOTTI; ORTEGA; ALENCAR, 2011, p.169-170).

6.2 Desenvolvimento Cognitivo

A criança porém não se desenvolve apenas na perspectiva comportamental/psicológica, também se faz presente o desenvolvimento cognitivo, e, para que o comportamento de mentir se manifeste, é necessário que a criança

apresente a capacidade de se comunicar, não necessariamente levando em consideração os sentimentos ou estado mental do ouvinte (EVANS; LEE, 2013). Contudo, o comportamento de mentir em toda a sua complexidade não está diretamente ligado ao desenvolvimento cognitivo individual, pois a criança pode mentir de forma que não tenha ciência (tenhamos como exemplo uma criança que disse que não viu o colar da mãe e nem brincou com ele, quando na verdade ela tenha feito isso mas devido à sua incompreensão conceitual e abstrata das coisas o colar que a mãe se refere é a linha que a criança usou momentos antes para amarrar e decorar sua boneca). Contudo aqui abordamos e nos centramos no comportamento de mentir de forma voluntária, se faz necessário um nível determinado de desenvolvimento cognitivo para que seja praticado.

O desenvolvimento cognitivo necessário é o que se refere às funções executivas, pois estas trazem a capacidade de ajuste, de se adequar e a destreza, no que se refere as ocorrências vividas cotidianamente. As funções executivas são executadas principalmente no córtex pré-frontal e uma parte terciária do lobo frontal (JOAQUIM, 2019). Encontramos ao longo da primeira infância a presença (desenvolvimento inicial) da memória de longo prazo (implícita e explícita), memória de trabalho. Estes se fazem manifestos a partir do sete meses de vida (memória de trabalho e memória explícita), sendo gradual até o fim da primeira infância sua manifestação clara (memória explícita) (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Com isso podemos justificar o aparecimento da capacidade de mentir.

As funções executivas embora possam se manifestar antes, apresentam seu desenvolvimento de forma mais marcante entre os 6 e 8 anos de vida, (neste momento a criança passa a apresentar compreensão e prática do comportamento de mentir de acordo com o abordado) com o desenvolvimento se estendendo até a marca entre o fim da adolescência e início da fase adulta.

7 A MENTIRA E A FALSA MEMÓRIA NA PSICOLOGIA DO TESTEMUNHO

A psicologia forense assim como a jurídica se referem à junção entre psicologia e direito, podendo ele ser civil ou criminal, embora existam uma gama de subdivisões e nomenclaturas apresentadas, nosso foco aqui se manterá na psicologia do testemunho, que se dirige às memórias falsas (ROVINSKI; CRUZ, 2009), contudo abordaremos as mentiras, pois conforme veremos, estes temas podem se apresentar de forma conjunta ou até mesmo serem confundidos.

7.1 Entrevistas e Interrogatórios

As entrevistas ocorrem normalmente em contexto forense (dentro do fórum), estas são diferenciadas das sessões de interrogatório (que podem ocorrer em delegacias, ou fóruns), pois possuem mais o foco de saber o que aconteceu, como foi o ocorrido, a versão da testemunha e afins. São mais abertas e as perguntas não são realizadas de forma que possam direcionar a resposta. Diferentemente, em um interrogatório, as perguntas podem ter a tentativa de direcionar a resposta, em alguns momentos apresentando perguntas que contenham falhas, para que o interrogado não note e assim cometa algum equívoco, assim possivelmente confessando algo. Nosso objetivo é direcionado para as entrevistas, contudo faremos uma breve diferenciação entre as categorias.

A entrevista e o interrogatório são utilizados para se descobrir a verdade ou obter uma informação específica com a menor chance de erro, a entrevista costuma acontecer em um lugar preferencialmente neutro e não ameaçador, não muito estimulante nem relaxante, por outro lado o interrogatório acontece em ambientes em que o interrogador normalmente possui uma suspeita do interrogado, direcionando possíveis ataques e levantando suspeições em direção à ele. O interrogatório pode se dar através de uma forma de competição entre os envolvidos, visando quem comete uma falha ou "cede"(psicologicamente ou emocionalmente) primeiro assim tendo como resultado uma possível confissão ou

a obtenção de novas informações, embora a obtenção de informações também possam se apresentar nas entrevistas, o que ocorre durante elas é mais uma discussão entre os envolvidos sobre algo, visando a descoberta da verdade (GUDJONSSON, 2003; JANNIRO, 1991).

7.2 A mentira na entrevista

A mentira pode surgir ao longo da entrevista, ela pode ser notada em vários momentos, contudo Ekman-2009 afirma que o correto não é pontuar a mentira no momento da entrevista, pois com isto a pessoa entrevistada alterará seu comportamento de forma que seja mais cuidadosa ao falar, tornando assim mais difícil a detecção de outras possíveis mentiras abordagem mais apropriada é seguir com a entrevista, assim também possibilitando a descoberta de outras mentiras e incoerências apresentadas. Estas incoerências podem surgir de outras formas além das verbais, existem os meios de comunicação verbais e os não verbais, quando citamos os meios verbais nos referimos à fala (conteúdo), o tom, timbre e intensidade da voz. Sobre os meios não verbais (embora existam vários, nós manteremos foco nos que são úteis no contexto de entrevistas), nos referimos aos gestos, maneirismos, posições/posicionamentos e movimentos corporais, assim como as expressões e microexpressões faciais.

7.2.1 Fala

Através da fala (uso de palavras) nos comunicamos e passamos mensagens e trocamos informações, o conteúdo pode variar, mas a constante é que em toda fala, está presente alguma informação, aqui nos referimos a fala como comportamento verbal (SKINNER, 1989). Quando apresentada, ela carrega um conteúdo, ele por sua vez apresenta alguma informação que é processada. Porém quando notamos alguma incoerência na fala, temos o levantamento de suspeitas sobre mentiras. Este pode ocorrer quando a pessoa que é entrevistada afirma não

saber sobre uma informação contudo ao longo do seu discurso traz dados sobre a informação anteriormente dita como desconhecida, pode ocorrer quando uma pessoa apresenta o comportamento de inconstância em seu discurso falando sobre algo depois dizendo o oposto sobre o mesmo assunto, estes são apenas alguns exemplos (EKMAN, 2001; SKINNER, 1989).

7.2.2 Voz

O estado da voz é importante nestas situações, a inconstância da voz é algo que indica alterações comportamentais e emocionais (EKMAN, 2007; 2009). O tom o timbre a intensidade da voz e o volume informam momentos que houveram alterações comportamentais que podem auxiliar na detecção de mentiras (KNAPP;. HALL, HORGAN, 2017). Reforçamos que a voz é um comportamento não verbal, pois nela não se faz necessária a presença da fala.

7.2.3 Movimentos Corporais

O comportamento não verbal, traz uma variedade de divisões, contudo seremos breves e falaremos sobre elas de forma resumida as classificações são: linguagem de sinais (aqui está desde a linguagem dos surdos-mudos, até os gestos e codificação de números e palavras em sinais), linguagem de ações (se referem a ações como comer, e derivadas, podem apresentar propósito a quem emite e a quem interpreta) e a linguagem dos objetos (aqui encontramos a presença de objetos materiais, podendo ser ou não intencionais, também se incluem as letras materializadas (escritas) e similares) (KNAPP;. HALL, HORGAN, 2017). O comportamento não verbal pode ser usado de variadas formas, servindo como repetição, contradição, substituição, complementação, acentuação e regulação, podendo estes se manifestarem através de gestos como movimentar a mão para a direita e esquerda, com o dedo indicador solicitando repetição por causa da dificuldade ou incapacidade de ter ouvido/entendido o que fora falado

estes são conhecidos como ilustradores (EKMAN, 2009). Temos também os gestos como o auto-toque (aqui nos referimos aos gestos como se coçar, apertar alguma parte do corpo ou da roupa, agitar algum membro ou parte do corpo e se arrumar, pois estes podem ser indicadores de mentira (EKMAN, 2009) posicionamento que a pessoa se encontra e suas alterações também servem de indicadores a pessoa quando apresenta o comportamento de mentir, e sente que pode ser descoberta ou até mesmo se sente culpada, pode buscar posições mais confortáveis para que possa raciocinar melhor (EKMAN. 2009; KNAPP;. HALL, HORGAN, 2017).

7.2.4 Expressões Faciais

Para Ekman (2009) a face é uma ótima fonte de informação. As expressões faciais ocorrem através de contrações dos músculos da face, estas contrações acontecem como resposta a algum estímulo, podendo ser emocional, sentimental ou físico, aqui nos direcionaremos às expressões que ocorrem quando se fazem presente (propositalmente ou não) as emoções, e as que ocorrem quando tentamos ocultar algum sentimento ou emoção. Segundo Ekman (2009) a face apresenta normalmente dois tipos de mensagens, a que o transmissor quer passar e a que ele pretende ocultar. Olhando para o rosto do outro, podemos identificar: "Qual emoção é sentida - raiva, medo, tristeza, desgosto, distresse, felicidade, contentamento, excitação, surpresa e desprezo podem todos serem apresentados por diferentes expressões" (EKMAN, 2009, p. 125), se há duas emoções misturadas (quando ocorre de serem sentidas duas emoções distintas a face apresenta características de cada uma), e a força da emoção no momento sentida (dependendo da intensidade pode ser sentida um leve receio ou um pavor). (EKMAN, 2009).

Figura 1 - Emoções Básicas



Fonte: Ekman (2007).

Existem as expressões faciais básicas que se referem às emoções mais comumente apresentadas e conhecidas, sendo elas encontradas na Figura 1. Nela encontramos as emoções básicas, que podem variar em intensidade e inclusive se misturar para formar outras expressões, por exemplo ao misturarmos medo, surpresa e tristeza teremos a expressão associada ao pavor, ou angústia profunda facilmente identificada no receber da notícia que algum ente querido falecera. Tenhamos o exemplo da Figura 1.1, onde vemos uma mãe que recebera a notícia da morte de seu filho, sua expressão segundo Ekman (2009) é de agonia e tristeza.

Figura 2 – Agonia e Tristeza

1- Face Neutra; 2- Raiva; 3- Desprezo; 4- Nojo;



5- Medo; 6- Felicidade; 7- Tristeza; 8- Surpresa

Fonte: <http://cicem.com.br/7-emocoes-basicas-universais/>,

Conforme vimos as emoções básicas, podem se juntar para constituir outras emoções, mas o fator que iremos explicar a seguir é o aspecto que diferencia elas em maiores detalhes, sendo este as microexpressões faciais. Microexpressões, são, "movimentos faciais muito rápidos durando 1/25 a 1/10 de segundo" (EKMAN, 2007, p. 214) elas ocorrem revelando a real emoção presente, são involuntárias, e podem apresentar de certa forma um "vazamento" de informação que: poderia estar sendo ocultada poderia servir de indício a algo demonstraria que a pessoa apresenta o comportamento de mentir. Nem todas as expressões e microexpressões faciais são simétricas, usualmente quando verdadeiras apresentam algum nível de assimetria, o que nos serve de indício, quando o

comportamento de apresentar as emoções for simétrico de forma constante, há ali a grande probabilidade de um comportamento de mentir se fazer presente.

7.3 A Falsa Memória Na Entrevista

No decorrer da entrevista podem surgir indagações ou questionamentos sobre o que ocorreu em um dado momento para se lembrar do ocorrido a pessoa fará uso de sua memória de longo prazo ou da memória remota, se é algo referente à algo que estava fazendo poderá utilizar-se da memória procedural, contudo no decorrer do tempo, não são todas as memórias que ficam armazenadas integralmente (IZQUIERDO, 2018). Porém o fato de a memória ou parte dela não estar completamente armazenada, não significa que o entrevistado não terá nada para falar, ele apresentará possivelmente fragmentos da memória, e as lacunas o cérebro preencherá com informações que "achar" que venham a fazer sentido em dada situação (IZQUIERDO, 2018).

8 MENTIRAS E MEMÓRIAS FALSAS: existem sinais?

Para Ekman (2009) o comportamento de mentir, pode em muitos momentos ser detectado se fazendo uso de algumas técnicas, o que não significa que ele sempre será. Atualmente existem estudos sobre a mentira e formas de detecção da mesma, contudo até o momento não foi encontrada uma forma segura cientificamente que permita afirmar que todo comportamento de mentir será detectado. O mesmo pode ser dito sobre as memórias falsas em seu absoluto, pois conforme afirmado anteriormente nos conceitos, as memórias falsas são alterações na memória original, e para podermos afirmar que uma memória é falsa, seria necessário poder acessar a memória original, que não se encontra presente, e neste momento se dá a memória falsa. Mas existem métodos (serão ainda apresentados) que auxiliam na verificação das memórias apresentadas, e permitem que em alguns casos seja descoberto se uma memória é falsa ou não, sem que a memória original seja acessada (pois a mesma não se encontra registrada).

8.1 Mentiras

A detecção de mentiras ocorre através das tentativas, não é correto afirmar que: "toda mentira será detectada" ou que "é possível que sempre se saiba quando alguém está mentindo". Para Ekman (2009), a detecção de mentiras pode ser aprimorada, mas ela não apresenta até o momento garantia absoluta de eficácia.

O comportamento de contar mentiras, pode ser investigado de variadas formas Ekman (2009) menciona a detecção de mentira através do corpo, das palavras e da voz. Na detecção de mentiras através do corpo e da voz, se faz presente a comunicação não verbal, esta categoria apresenta uma gama de elementos de acordo com Knapp, Hall e Horgan (2017) a classificação de comportamento não verbal se dá utilizando, o meio no qual ocorre a comunicação assim também suas estruturas e condições, as características físicas e os

comportamentos apresentados pelos comunicadores. Na detecção de mentiras através das palavras (comportamento verbal), para VRIJ (2008) são avaliados diferentes aspectos, como o emocional (emoções que podem ser sentidas no momento por exemplo a culpa), cognitivo (o comportamento de mentir exige um esforço cognitivo, que gera uma carga cognitiva, em que é necessário o uso de variadas funções executivas como a atenção sustentada e a seleção de respostas), a tentativa de controle (a pessoa que apresenta o comportamento de mentir, pode tentar dominar a situação, apresentando variadas manobras, assim fazendo com que não seja descoberta ou não levante suspeitas), o conteúdo e as referências da fala (o conteúdo pode trazer ou não coerências ao longo do discurso, e a fala pode se referir ao assunto abordado ou não apresentando uma tentativa de distração e até mesmo trazer generalizações, ou se referir a outras pessoas, que tenham ou não a ver com o momento). Traremos algumas informações sobre comportamentos (sinais) verbais e não verbais que podem indicar a presença do comportamento de mentir, reiteramos porém assim como Knapp, Hall e Horgan (2017) que já houveram tentativas de apresentar ou desenvolver uma lista que apresentasse comportamentos que orientassem como identificar o comportamento de mentir e o comportamento de ser verdadeiro, mas sempre há um ponto que impossibilita que a lista seja feita de forma completa e absoluta, existem variados tipos de mentira em variados contextos, ou seja "Não há sinal da mentira por si- não há gesto, expressão facial, contração muscular, que por si só signifique que uma pessoa esteja mentindo" (EKMAN, 2009, p. 80). Este dado pode ter um lado positivo, pois para Matsumoto, Frank e Hwang (2013) o comportamento de mentir é algo necessário na sociedade e ele é usado em como um facilitador, devido a fatores como a educação, mas nem sempre este comportamento é aceito, podendo ter consequências como a perda de confiança. O comportamento pode ser emitido através de três meios, o facial, corporal e o da voz, sendo estes aqui referidos como verbais e não verbais. (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013).

8.1.1 Sinais Não Verbais

Alguns comportamentos não verbais segundo Ekman (2009), servem de indicadores, que aumentam a suspeição assim auxiliando na detecção de mentiras. Estes sinais, podem vir de diferentes formas ou fontes, dentre elas temos os comportamentos não verbais, quais seguiremos explicitando um pouco sobre.

8.1.1.1 Sinais Corporais Não Faciais

Para Knapp, Hall e Horga, (2017) e Ekman (2009) os sinais corporais, são aqueles que envolvem o corpo (parcial ou totalmente). Podendo ser um movimento com a mão, um gesto de se arrumar (roupa ou cabelo), o foco do olhar, o balançar de uma ou ambas as pernas, o cerrar os olhos em alguns instantes por motivos específicos, apontar para algo ou alguém, a posição do corpo e a tensão apresentada, etc. Os sinais são identificados através de análises detalhadas, Reis, Ribeiro e Joaquim (2013) mencionam sobre alguns comportamentos não verbais e algumas descobertas realizadas referentes, por exemplo ao foco visual, que obteve a informação que, "os mentirosos possuem um desejo maior de serem convincentes, e, portanto, são mais propensos a acompanhar e manter o contato visual com o entrevistador, para ver se este está acreditando, resultado este que se opõe a crença de que os mentirosos evitam o contato visual." (REIS; RIBEIRO; JOAQUIM, 2013 p. 183-184). Brevemente traremos alguns tipos de sinais que ocorrem através de meios não verbais.

8.1.1.1.1 Gestos

Gestos segundo Matsumoto, Frank e Hwang (2013) são movimentos que são realizados com as mãos, porém eles podem ser encontrados em movimentos feitos com a face e com a cabeça, podem ser utilizados com os objetivos de serem:

ilustradores (são utilizados ao diferenciar, destacar ou ilustrar algo que foi dito); usados para permitir que o que está sendo falado seja entendido.

Nos é apresentado por Knapp, Hall e Horgan (2017) que durante o comportamento de mentir, existe a probabilidade da pessoa se mostrar menos ativa, com menos gestos.

8.1.1.1.2 Cognição

O processo de fabricar uma mentira, de apresentar o comportamento de mentir, assim como o de manter este comportamento, gera uma carga adicional à cognição, o sinal de carga cognitiva, podem ser notados através de alterações no comportamento natural ou neutro, como alterações na quantidades de vezes que a pessoa pisca, ou a alteração comportamental que indique que a pessoa está fazendo um esforço além do anteriormente apresentado em seu comportamento neutro, para elaborar suas respostas (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013).

8.1.1.1.3 Contato Visual

Segundo Knapp, Hall e Horgan (2017), muitas pessoas costumam esperar que quem apresenta o comportamento de mentir, evite o contato visual. Este comportamento pode se fazer presente, mas não serve como critério eliminatório radical que traga a certeza que alguém está mentindo, como foi falado anteriormente quem apresenta o comportamento de mentir deseja ser convincente, assim sendo existe a probabilidade maior de contato visual, para que seja verificado se o comportamento de mentir está sendo efetivo ou não.

8.1.1.1.4 Tensão

As pessoas que apresentam o comportamento de mentir, usualmente se mostram mais tensas, devido ao fato do esforço cognitivo necessário para apresentar uma mentira e manter a mesma fielmente, assim também tentando controlar as suas próprias emoções expressas (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013).

8.1.1.1.5 Postura

De acordo com o apresentado por Matsumoto, Frank e Hwang (2013, p. 87) sobre postura "comunicam os estados atitudinais e afetos em geral". Sendo assim, as posturas informam conceitos gerais, de forma que as posturas vazadas (aquelas que a pessoa que apresenta o comportamento de mentir não nota estar apresentando), podem servir de sinais (EKMAN, 2009).

8.1.1.1.6 Alterações No Comportamento

Para Ekman (2007), as alterações no comportamento devem ser notadas, contudo devem ser consideradas as que importam, pois um comportamento padrão da pessoa (por exemplo pausar após a primeira palavra) não deve ser considerado suspeito quando apresentado ao longo da entrevista, contudo caso haja alguma alteração significativa neste comportamento (como cessar as pausas e responder de forma abrupta) poderá ser um sinal do comportamento de mentir. As pessoas que apresentam o comportamento de mentir para Knapp, Hall e Horgan (2017), têm mais probabilidade de parecerem indiferentes ou ambivalentes, as pessoas quando mentem tendem a se comportar de forma estimulada e agitada, lembramos que esta forma é diferente daquele apresentado por pessoas que falam

a verdade, ocorre possivelmente também a tentativa de controle assim como a demonstração de algum estado emocional. O comportamento é apresentado com maior categoria e seleção sendo este mais estratégico, esta estratégia é voltada para ocultar, inibir ou controlar os possíveis sinais apresentados (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013).

8.1.1.1.7 Alterações Na Memória

De acordo com Ekman (2009), algumas alterações de memória são comuns quando o comportamento de ser verdadeiro se faz presente, contudo uma memória muito detalhada, é algo pouco usual e normalmente ocorre quando acontece o comportamento de mentir, um relato muito detalhado, pode ser um sinal, pois a pessoa que apresenta tal comportamento, pode fazer este relato desta forma para passar credibilidade.

8.1.1.1.8 Sinais Vocais

Segundo Knapp, Hall e Horgan (2017) durante o comportamento de mentir, há uma maior probabilidade da voz apresentar um tom mais alto, soando mais incerto, também se fazendo presentes erros e pausas ao longo da fala. Contudo Ekman (2009) nos destaca que o tom alto de voz por si não é o suficiente para que afirmemos que o comportamento de mentir se faz presente, devem ser avaliadas as alterações no comportamento vocal neutro natural da pessoa e se o tom de voz condiz com a emoção apresentada e se ele não é possivelmente um sinal de outra emoção.

8.1.1.2 Sinais Faciais

Na face são encontradas expressões e micro expressões (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013; KNAPP; HALL; HORGAN, 2017; EKMAN, 2009; 2007) elas podem servir como sinais na detecção do comportamento de mentir, a face apresenta as expressões micro e macro voluntárias e involuntárias, com isso ao mesmo tempo que ela pode dizer a verdade, pode mentir, através de estudos foram desenvolvidos ferramentas como o FACS (*Facial Acting Coding System*) de Paul Ekman, que auxilia no desenvolvimento da habilidade de detecção das expressões presentes, a expressão no momento do comportamento de mentir, pode indicar, aumentar, ou até mesmo (caso mal interpretada) descartar a possibilidade de que o comportamento se faça presente, ao analisar estas emoções são levados em consideração fatores como a face neutra, e os grupos musculares que se contraem quando certas emoções são eliciadas naturalmente e artificialmente (quando não é natural, ou seja falsamente).

8.1.2 Sinais Verbais

O conceito de sinais verbais, para Matsumoto, Frank e Hwang (2013, p. 125) faz referência às "...próprias palavras faladas". De acordo com Knapp, Hall e Horgan (2017) as pessoas que apresentam o comportamento de mentir tem maior probabilidade de apresentar respostas mais curtas e com menos elaboração, dando a impressão de estarem mantendo algo oculto ou se contendo, falando de uma forma mais lenta e longas pausas entre suas falas, suas falas podem tender a apresentar mais discrepâncias, sendo assim mais incertos e menos fluentes, com hesitações e pausa, trazem uma probabilidade maior de falarem palavras indicando medo e raiva, podem usar mais uma linguagem ofensiva, respostas intensas que ocorrem quando a resposta apresentada levanta uma suspeita devido a fala apresentada que não condizer com o que foi perguntado "Por que você sempre tem que me questionar? - em resposta a uma aparentemente natural, não

ameaçadora pergunta." (KNAPP; HALL; HORGAN, 2017, p. 389). Também se fazem presente aspectos como o uso de respostas curtas, ou alongadas.

8.2 Memórias Falsas

Durante a memória falsa, a pessoa apresenta o relato de algo que não aconteceu, ou que não aconteceu da forma como é contado. As memórias falsas ocorrem quando se faz presente uma lacuna entre informações, esta é preenchida pelo cérebro. Porém, para detectar a memória falsa, não devemos depender apenas de nosso conhecimento baseado na observação do comportamento apresentado, devido ao fato que uma memória falsa é apresentada como verdade, podendo a pessoa que a apresenta questionar ou não o relatado (IZQUIERDO, 2018; SCHACTER, 2001; JOAQUIM, 2019). Para investigar as falsas memórias existem algumas técnicas como a de entrevistas cognitivas, a de neuroimagem, entrevista assistida, entre outras (JOAQUIM, 2019). Até o momento foram encontradas poucas técnicas diretas de investigação sobre a veracidade da memória no momento da entrevista individual.

8.2.1 O Comportamento

O comportamento pode auxiliar na detecção de mentiras, contudo no que se tem a respeito às memórias falsas, não foi encontrado estudo ou relato que se referisse diretamente a este aspecto, é sabido que o momento da entrevista pode ser algo desconhecido para muitas pessoas, assim é importante que o entrevistado se encontre confortável, auxiliando assim na processo de recordação das memórias de forma também que o seu comportamento seja natural, auxiliando que este não seja confundido com o comportamento de mentir (PERGHER; STEIN, 2005; EKMAN, 2009). Atos selecionados (reforços positivos) podem auxiliar na recordação, estes contudo se referem ao momento que foram entrevistados casais

que passaram pela mesma experiência juntos: "reconhecendo o que a outra pessoa estava contribuindo, repetindo e parafraseando o que fora dito por ela, e elaborando a partir da fala um do outro" (SHAW, 2017, p. 212).

8.2.2 Sinais Cognitivos

Ao longo da entrevista alguns sinais cognitivos podem indicar a presença de memórias falsas, a memória sendo ou não traumática, ela está sujeita a erros, falhas e a não ter sido registrada por completo, de forma que sua recordação seja intacta, com isso, podemos levantar suspeita à partir de memórias e relatos passados que sejam ricos em detalhes (SHAW, 2017). Não se aplica esta suspeita à pessoas que apresentem hipermnésia (IZQUIERDO, 2018).

8.2.3 Suspeição de Veracidade da Memória

De acordo com Joaquim (2019), para que uma memória seja dada como verídica em entrevistas e contextos não científicos (estudos), existem maneiras de investigação como uma entrevista que ocorre com a participação de um terceiro, "Este procedimento avaliativo também é comumente adotado em ambientes judiciais (porém de maneira tecnicamente estruturada)" (JOAQUIM, 2019, p. 157). A participação de uma outra pessoa no momento da entrevista pode auxiliar na recordação, assim apresentando uma menor quantidade de informações de forma que não seja exata (SHAW, 2017).

9 DETECTAR A PRESENÇA E DIFERENCIAR MENTIRAS E MEMÓRIAS FALSAS, ATRAVÉS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO É POSSÍVEL?

Detectar mentiras não é algo simples como criar listas explicando alguns possíveis indicadores ou sinais de mentiras a detecção de mentiras ocorre toda uma análise e variados fatores devem ser levados em consideração, Knapp, Hall e Horgan (2017) explicita alguns deles como as informações disponíveis para e pela pessoa quem supostamente está mentindo e deve se levar em consideração para quem ela está mentindo Ekman (2009) nos apresenta fatores que devem ser considerados quando analisarmos se o comportamento de mentir se faz presente. Estes fatores incluem a análise de sutilezas, no comportamento verbal e não verbal, sobre o comportamento verbal Skinner (1989) nos informa que "Praticamente todo comportamento verbal é dessa forma controlado pela audiência" (SKINNER, 1989, p. 52). Com isso em mente, podemos considerar as alterações (que acontecerem) no comportamento verbal (diante da presença de outra pessoa ao longo da entrevista, uma pergunta específica, quando o entrevistador entrar no ambiente, ou da forma como esta outra pessoa se comporta) como possíveis sinais do comportamento de mentir.

Lembramos que o comportamento de mentir ao ocorrer necessita ser direcionado para alguma vítima (que o comportamento é direcionado) e pode ser alterado de acordo com o comportamento da vítima para que seja bem sucedido, considerando isso o conceito de Skinner sobre o comportamento verbal, pode ser aplicado aqui ao não verbal. Reforçamos que antes de considerar um comportamento (verbal ou não) como suspeito, devemos saber qual o comportamento neutro da pessoa (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013).

9.1 Tentando Detectar o Comportamento de Mentir: o que considerar?

Para tentarmos detectar o comportamento de mentir, devemos considerar e avaliar os prováveis sinais vindo tanto do comportamento verbal quanto do não

verbal, Ekman (2009) nos lembra que esta tarefa não é exatamente o conceito de fácil, devida a quantidade de informações que são passadas através destes comportamentos, quem busca detectar, deve considerar várias coisas em um curto espaço de tempo, a incoerência deve ser considerada um grande sinal (sendo essa ocorrência de forma verbal ou não verbal). Por exemplo, quando temos uma pessoa que fala "Eu sinto muito" mas está apresentando em sua face um grande sorriso e outros indicadores de felicidade, e não possui qualquer patologia que interfira no seu comportamento, podemos considerar este comportamento como incoerente entre o verbal e não verbal, assim detectando o comportamento de mentir. A inconsistência para Ekman (2009) pode também ser um sinal, ao dizer algo em um momento e instantes depois dizer o oposto a pessoa apresenta uma inconsistência, assim podemos identificar o comportamento de mentir. Para que detectemos com sucesso o comportamento de mentir devemos considerar também alguns fatores previamente mencionados. Estes influenciam no registro na memória da pessoa que terá seu comportamento analisado: A atenção da pessoa funciona em todos os níveis?; O ocorrido foi relevante o suficiente para ser registrado na memória?; A memória desta pessoa não apresenta nenhuma alteração em nenhum nível ou sistema? Caso a resposta seja positiva poderemos prosseguir. (Desta forma saberemos se possivelmente o ocorrido se registrou na memória, permitindo assim que possa ser evocado).

O comportamento de mentir, pode ser detectado através destas formas, a incoerência e a inconsistência, contudo isso não significa que estes comportamentos sejam apresentados apenas por quem não está falando a verdade (Ekman, 2009), por este motivo temos o comportamento neutro ou base, o qual servirá de referência (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013). Segundo Ekman (2009) a pessoa que diz a verdade pode parecer dizer o contrário devido a vários fatores, dentre eles temos o "Erro de Othello" (EKMAN, 2009 p. 170) que resumidamente se refere à presumir que a pessoa irá mentir, desta forma considerando qualquer comportamento que ela apresente como comportamento de mentir. Temos fatores como ansiedade e nervosismo e estado emocional/psicológico do entrevistado, o envolvimento pessoal/íntimo entre

entrevistado e entrevistador, dentre outros como possíveis influenciadores (EKMAN, 2009). Ou seja o entrevistador deverá se apresentar sem pré-julgamentos, saber separar e não misturar fatores pessoais (emocionais, psicológicos e afetivos), para realizar a entrevista e assim diminuir a probabilidade de que ocorra o que Ekman (2009, p. 172) chama de "desacreditando-da-verdade" que possui um nome autoexplicativo e pode ser influenciado pelos fatores apresentados neste parágrafo.

Ao analisarmos uma pessoa (que sabemos possuir memória e atenção funcionais), devemos considerar seu comportamento neutro (MATSUMOTO; FRANK; HWANG, 2013), feito isso, devemos saber qual a finalidade da entrevista de detecção de mentiras (qual pergunta desejamos responder e quais as perguntas a fazer) e não devemos assumir ou pré-julgar de forma absoluta sem provas qualquer coisa (por menor que seja), e como nos informa Ekman (2009):

Nenhuma pessoa pode estar *absolutamente certa* se um mentiroso falhará ou não, ou se a pessoa verdadeira será exonerada. Detectar mentiras fornece apenas um palpite informado. Mas fazer tamanho *julgamento* deve reduzir tanto o erro de estar acreditando-na-mentira quanto desacreditando-da-verdade. (EKMAN, 2009, p. 240).

Após levarmos em consideração os anteriormente mencionados, e obtermos as informações básicas necessárias, seguiremos com a entrevista. Esta deve ser realizada por um profissional da área da psicologia (JOAQUIM, 2019) devido à sua especialização e as áreas de saber que possui estudo além do que diz respeito ao comportamento verbal e não verbal (como o desenvolvimento, psicopatologias, formas corretas de abordar a situação/problema, psicodiagnóstico, maneira de conduzir a entrevista e a intervenção incorreta podendo ser através de sugestividade, má escuta, acolhimento incorreto, interrompimentos ou presumir que se sabe o que será falado ou que se sabe mais sobre o assunto falado que o entrevistado) (JOAQUIM, 2019, p. 196).

O entrevistador deve (idealmente), agir da forma descrita anteriormente, considerando os saberes e indicações necessários, e tendo em mente as informações destacadas por Ekman (2009). Assim analisando da forma como lhe for possível, o máximo de informações que consiga processar e adquirir do

entrevistado, para que possa indicar possivelmente se o comportamento de mentir foi apresentado ou não.

9.2. Tentando Detectar As Falsas Memórias: O Que Considerar?

Ao tentarmos detectar falsas memórias, devemos segundo Shaw (2017) suspeitar da facilidade em dar detalhes de memórias passadas, contudo Izquierdo (2018) nos traz que o afeto se faz relevante, quanto maior o afeto (até certo nível) mais forte será o registro da memória (consideremos o efeito consolidação da informação x ativação emocional segue uma curva do tipo U invertido, a Curva de Yerkes-Dodson, que conforme nos traz Izquierdo (2018) uma ativação emocional até certo nível -aproximadamente entre cinco a 10 minutos- aumenta a capacidade de consolidação da memória, ao passo que o excesso pode prejudica-la. Isso serve tanto para a consolidação quanto para a evocação da memória). Dessa forma devemos ponderar entre estes dois pontos para levantarmos a suspeita de um relato de memória falsa, com isto em mente podemos afirmar que, se alguém relata algo, que não foi relevante emocionalmente, com riqueza de detalhes e facilidade cognitiva (sem esforço para lembrar) podemos suspeitar de uma falsa memória. Contudo, caso o relato seja emocionalmente carregado, devemos levantar esta suspeita com maior cautela.

9.3 Como Poderia Ocorrer Uma Detecção De Mentira? (Hipótese)

Ao tentarmos detectar a possibilidade do comportamento de mentir, devemos levar em consideração várias informações vindas dos comportamentos verbal e não verbal. Traremos uma breve hipótese baseada em uma situação imaginária que se passa em uma entrevista, onde o entrevistado é suspeito de ter cometido um crime e não deseja ser descoberto, e a função do psicólogo entrevistador é justamente tentar descobrir se o suspeito fala a verdade ou mente.

9.3.1 Descrição da situação

Situação hipotética. O suspeito homem de 42 anos, casado, médico, é levado para a sala de interrogatório e lá aguarda, ele fora informado que lhe seriam feitas algumas perguntas, não foi informado sobre ser suspeito ou sobre o corpo encontrado, ele informou à polícia sobre a vítima ter saído de casa e que não retornara. O entrevistador possui a ficha que informa que as suspeições são de: matar a companheira motivado por ciúmes, e esconder o corpo (crimes de: homicídio doloso qualificado por motivo fútil seguido por ocultação de cadáver) (BRASIL, 2017; BONILHO, 2012). O corpo foi descoberto em um raio de sete quilômetros da casa onde mora, envolto em sacos de lixo amarrados e enterrado em local remoto, nele foram identificadas marcas de objeto perfuro-cortante aparentemente causadas por faca de oito polegadas (dezesseis centímetros) na região abdominal e torácica.

9.3.2 Descrição e Análise da Entrevista

A entrevista aqui relatada também fictícia e hipotética será breve, esta não fará uso de nomes pessoais, diálogo e perguntas foram criadas pelo autor deste trabalho, pois o foco aqui se dá nos sinais emitidos e detectados. Foram estudadas ferramentas (técnicas e protocolos de entrevistas) existentes que são utilizadas em ambiente de testemunho no que diz respeito a perícia (JOAQUIM, 2019), contudo estas não foram diretamente utilizadas/aplicadas no exemplo que segue pelo motivo que elas são mais utilizadas em outros países, não sendo comuns no Brasil.

Entrevistador será representado por E, entrevistado suspeito por S e vítima por V no diálogo que segue. A entrevista ocorre no horário de dezessete horas, e leva aproximadamente 20 minutos. O entrevistador manteve o tom e postura

durante a entrevista, analisaremos abaixo apenas comportamento apresentado pelo Sr.S.

E.: Boa tarde sou o Sr.E, estou aqui para realizar algumas perguntas para o Sr. O Sr. se chama S?

S.: Sim.

E.: Onde o Sr. Mora?

S.: Na rua Carapicuíbana número 50204 Bairro Vader.

(Até o momento as perguntas foram realizadas para obter-se o comportamento base do Sr.S.)

E.: O Sr. Mora com alguém?

S.: Sim.

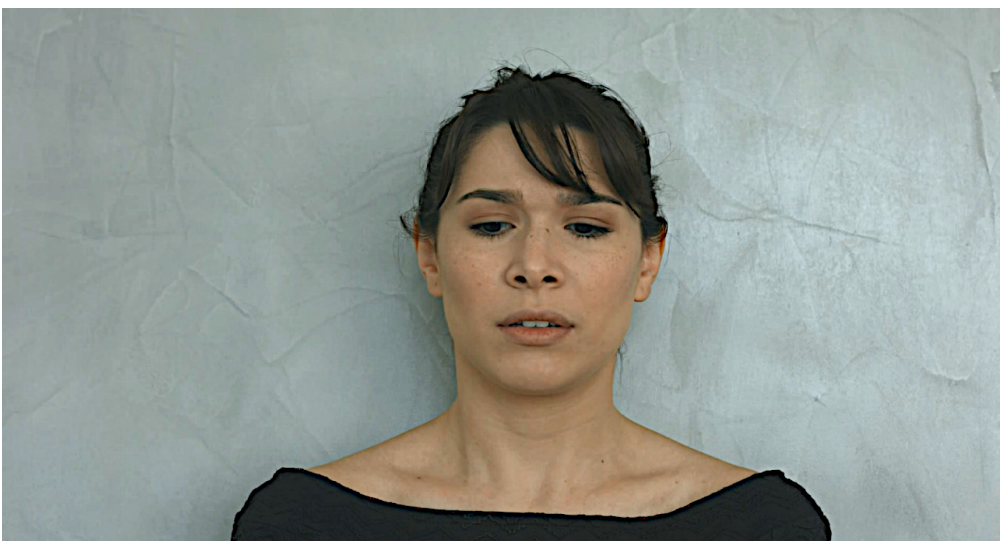
(Neste momento Sr.S apresenta uma leve alteração no tônus vocal abaixando-o, e contração no tronco se encolhendo levemente na cadeira que está assentado e recolhendo os ombros por um curto intervalo de tempo).

E.: Com quem?

S.: Com V minha esposa.

(Sr.S apresentou um intervalo entre a primeira e segunda palavra da sua resposta indicando carga cognitiva, e intervalo para apresentar um comportamento convincente, seguiu desviando o olhar -imagem 1.2. (figura 3)- neste momento do entrevistador por um breve momento).

Figura 3 – Desviando o olhar



Fonte: Ferreira, Caio - CICHEM. 2002.

E.: Poderia descrever como é a relação entre vocês?

S.: Por quê?

(Sr.S aumentou o tom de voz, se exaltando apresentando a expressão facial de surpresa por um curto período de tempo, seguido pela expressão de raiva -imagem 1.3 (figura 4).- , estufando o peito para fora aguardando a resposta para sua pergunta).

Figura 4 – Expressão de Raiva



Fonte: Ferreira, Caio - CICHEM. 2002.

E.: É uma pergunta padrão, o Sr poderia descrever como é a relação entre vocês?

S.: Tudo bem. É comum, nos damos bem, mas temos nossos momentos de desentendimentos (risadas), mas qual casal não tem?

(Sr.S se assentou, sua expressão se alterou de raiva para tristeza com olhar baixo -imagem 1.4 (figura 5).- enquanto se ajustava na cadeira e arrumava sua blusa, seu tom de voz nas duas primeiras palavras foi baixo, indicando um certo nível de tristeza. Ao continuar falando alterou o tônus vocal para um mais alto de forma humorada, e trouxe sinais verbais de humor, deu uma gargalhada -imagem 1.5. (figura 6)-, contudo quando estava terminando a frase, esfregou uma mão na outra, demonstrando ansiedade e possível insegurança).

Figura 5 - Olhar baixo

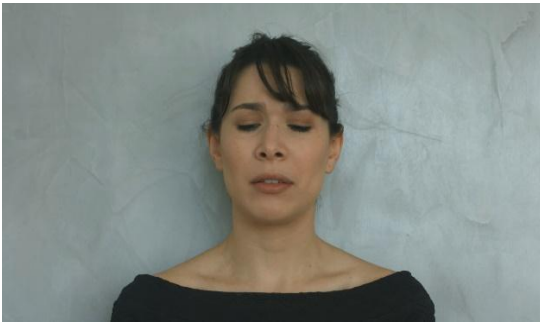


Figura 6 - Gargalhada



Fonte: Ferreira, Caio - CICHEM. 2002.

E.: Compreendo, fui informado que o Sr informou sobre o desaparecimento da Sra.V que saiu de casa e não retornou. Poderia me dizer o que aconteceu antes dela ter saído de casa?

S.: O que é isso? Estão suspeitando de mim? Eu posso ter brigado com ela naquele dia, mas nunca farei nada ma... de mal a ela. Nunca faria. Isso é um absurdo.

(Sr.S aumentou novamente o tom de voz, se exaltando e sua face apresentou a expressão de desgosto, seguido por raiva, ao longo de sua fala apresentou indagação enquanto a velocidade das palavras aumentava, contudo travou a fala após iniciar uma palavra e retomou em velocidade vagarosa, trazendo palavras lentas e vagarosas, indicando, possível carga cognitiva).

E.: São perguntas padrões Sr. O Sr. poderia me dizer o que aconteceu naquele dia antes dela ter saído de casa?

S.: Ela queria sair para beber com umas amigas, mas eu não queria que ela fosse pois ela já havia saído naquela semana, e eu estava me sentindo largado, discutimos, ela saiu sem nada.

(Sr.S respirou fundo e refletiu antes de iniciar sua fala, sua face expressava emoções misturadas, trazendo tristeza e raiva, olhava para o entrevistador fixamente, seu tom de voz se manteve mais baixo que o normal e fazia uso de gestos para ilustrar as palavras "largado" e "nada").

E.: Como foi a discussão em questão?

S.: Ela falou que queria ir, eu disse que ela não iria, gritamos, eu empurrei e... a mesa, para que ela me escutasse, ela pegou a chave e a bolsa e saiu.

(Sr.S apresentou expressão facial de raiva -imagem1.6 (figura 7).- , e ao falar a palavra "empurrei" aumentou o tom de voz e cerrou os punhos após enunciar a palavra, possivelmente indicando uma forma de se controlar, sua fala após este momento se tornou lenta e o tom de voz abaixou, o olhar fixo no entrevistador se manteve, levantou as sobrancelhas no momento que disse "me escutasse, ela pegou a chave e a bolsa e saiu" como se para dar ênfase ao que fora falado).

Figura 7 - Raiva

Fonte: Ferreira, Caio - CICHEM. 2002.

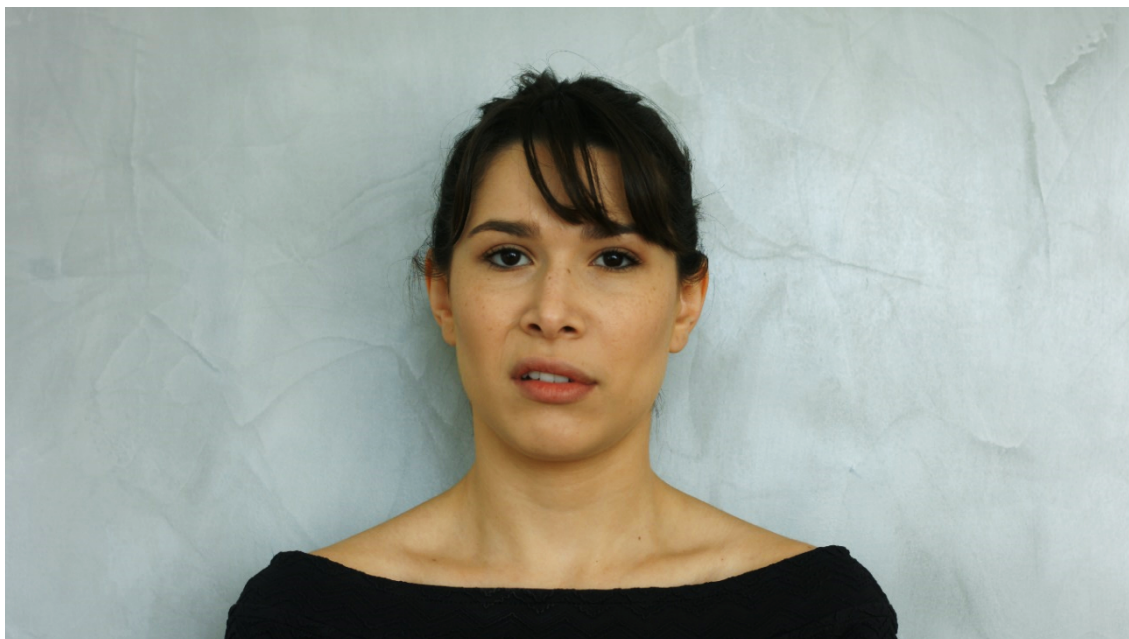


E.: A Sra.V saiu como?

S.: Como disse, ela saiu sem nada, nem documento levou.

(Sr.S apresentou a expressão facial de desprezo -imagens 1.7. e 1.8.- enquanto balançava a cabeça para os lados e fez o gesto com a mão direcionado do abdômen para fora com a mão aberta, indicando indignação. O tom de voz se manteve baixo e estável, e o olhar se manteve no entrevistador).

Figura 8 – Desprezo



Fonte: Ferreira, Caio - CICEM. 2002.

Figura 9 - Desprezo



Fonte: Ferreira, Caio - CICEM. 2002.

E.: O Sr poderia me dar mais detalhes da discussão que ocorreu entre os Sres.?

S.: Olha eu já disse, ela queria sair, eu empurrei ela, ela veio reagir, eu peguei a faca e enfiei nela até ela parar de tentar me bater e aí ela saiu de casa.

(Sr.S apresentou expressão de raiva e cerrou o punho esquerdo como se segurasse algum objeto, seu tom de voz aumentou, e apresentou o comportamento de *tirade* (EKMAN. 2009) iniciando a confissão sem notar no momento).

E.: O Sr. afirmou ter enfiado a faca na Sra.V. O Sr. gostaria de me contar algo Sr.S?

S.: Sim... eu matei ela, mas foi sem querer, empurrei ela, ela reagiu, eu peguei a faca e enfiei nela até ela parar, mas quando vi ela estava morta, enrolei o corpo em alguns sacos de lixo e amarrei com uma corda velha peguei e coloquei no carro, dirigi desesperado para sair do bairro, em direção a qualquer lugar mais afastado sabe? Então quando vi que não tinha ninguém perto eu fui, parei o carro tirei ela de lá e enterrei em um lugar vazio que achei.

(Sr.S confessou o crime, apresentando expressão de tristeza, encolhendo-se na cadeira, mãos tampando o rosto -imagem 1.9 (figura 10).- , enquanto relatava com tom de voz baixo e constante).

Figura 10 – Mãos ao rosto



Fonte: Ferreira, Caio - CICHEM. 2002.

E.: Encerraremos por aqui, os oficiais cuidarão do Sr. de agora em diante.

9.4 Como Poderia Ocorrer Uma Detecção De Memória Falsa? (Hipótese)

Uma detecção de memória falsa é possível de ocorrer, mesmo com as dificuldades relatadas. Esta se daria resumidamente através da percepção da falta de carga cognitiva e da riqueza de detalhes presentes em um relato sobre algo que ocorreu há um tempo significativamente passado para que tenha sido transferido para a memória de longo prazo ou remota, e que não tenha sido emocional ou afetivamente relevante para o relator, e que ainda assim seja relatado como se ocorrera alguns minutos ou horas antes (SHAW, 2017; IZQUIERDO, 2018; JOAQUIM, 2019).

9.4.1 Descrição Da Situação

Situação hipotética. Entrevistador questiona o entrevistado sobre um relato ocorrido há 2 anos, onde este testemunhou um assalto.

9.4.2 Descrição e análise da entrevista

A entrevista aqui relatada também fictícia e hipotética será breve, esta não fará uso de nomes pessoais, diálogo e perguntas foram criadas pelo autor deste trabalho, pois o foco aqui se dá nos sinais emitidos e detectados. Conforme visto anteriormente, existem alguns sinais cognitivos e verbais de memórias falsas. Estes serão trazidos aqui. O entrevistador será representado por E. entrevistado por O. O entrevistador manteve o tom e postura durante a entrevista, analisaremos abaixo apenas comportamento apresentado pelo Sr.O.

E.: O Sr se lembra o que se passou no dia do ocorrido?

O.: Sim, claro me lembro... Olha eu lembro que estava saindo de casa, tinha acabado de ver uma flor amarela, eu estava usando uma blusa verde e calça preta sabe? Andei e vi uma.. uma... uma... coisa no chão... uma joaninha, depois ouvi um barulho, alguém gritando por ajuda, vi um rapaz de boné azul, cabelo preto, pele branca, bermuda jeans de botões dourados e blusa cinza correndo e uma moça veio gritando que ele a assaltara.

(Sr.O iniciou a fala com tom de voz neutro, contudo se interrompeu potencialmente devido a uma falha na memória, se fez presente a carga cognitiva para que tentasse lembrar, devido ao número de riqueza e detalhes que seguiram sendo relatados, se levantou a suspeita de falsa memória no primeiro instante, e foi reforçada ao falar da joaninha tendo antes apresentado tamanha carga cognitiva. Contudo quando mencionou sobre a roupa do suspeito, se confirmou a suspeita pelos motivos da riqueza de detalhes passados, tendo a situação acontecido dois anos antes do relato).

E.: Entendido, agradecemos pelo auxílio Sr.O, se necessário entraremos em contato.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho vimos algumas definições, similaridades, diferenças, e mencionamos formas de possivelmente detectarmos o comportamento de mentir, e a presença da memória falsa.

A possibilidade do comportamento de mentir ser detectado é real, ela depende do treinamento e das habilidades da pessoa que investiga a existência ou presença deste comportamento. Assim também é a possibilidade da detecção de memórias falsas, porém ela possui uma menor probabilidade de êxito, devido ao local, a forma que ocorre possuir e a maior parte de sua atividade não visível ou detectável (ocorrendo na mente). Tanto o comportamento de mentir como a memória falsa possuem definições de fácil identificação, mas a sua detecção vai além de uma simples lista, a sua diferenciação pode ser delicada dependendo do ambiente em que ocorre, se considerarmos suas similaridades a detecção poderá ser ainda mais complexa. Ambas podem trazer consequências em vários níveis, o que não indica que trazem. Avaliando também a maneira como adquirimos o comportamento de mentir através do ambiente, de uma forma natural ao longo do desenvolvimento e a memória falsa ocorre em situações em que nem é notada e se passa como parte de uma memória, isto aumenta a dificuldade na detecção.

Podemos então afirmar que a tarefa de detecção exige dedicação e não é simples ao mesmo tempo que não é impossível. As definições de ambas são claras, assim como quais os tipos de sinais podem indicar a presença destas, a prática exige que a pessoa que tentará detectar a presença destas, saiba notar e separá-las devido às suas similaridades e diferenças.

Embora este trabalho possa contribuir com sua proposta, se recomenda uma pesquisa mais profunda que considere outros aspectos como os neuroanatômicos, assim como o acompanhamento dos estudos mais recentes sobre o assunto. O mesmo será elaborado e levado à diante pelo autor.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Ed. Edipro, 2012. p. 165-167.

BADDELEY, Alan. ANDERSON, Michael C. EYSENCK, Michael W. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BONILHO. Francielle Cristina. **Crimes Passionais: Aspectos Psicológicos E Legais**. Fundação Educacional do Município de Assis-FEMA, Assis, 2012.
Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0911300417.pdf>.
Acesso em: 24 abr. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Código Penal**. Brasília, Coordenação de Edições Técnicas. 2017. Disponível em:
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf
Acesso em: 24 abr. 2021.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

EKMAN, Paul. **Why Kids Lie How Parents Can Encourage Truthfulness**. Nova Iorque: Penguin Books, 1991.

EKMAN, Paul. **Telling Lies: Clues to Deceit in The Marketplace, Politics and Marriage**. Nova Iorque: W.W. Norton & Company Inc., 2009.

EKMAN. Paul. **Emotions Revealed: Recognizing Faces and Feelings to Improve Communication and Emotional Life**. 2. ed. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 2007.

EVANS, A. D., & LEE, K. 2013. Emergence of Lying in Very Young Children. Em: **Developmental Psychology** [online], p. 1-5, jan. 2013. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/234084974_Emergence_of_Lying_in_Very_Young_Children. Acesso em: 14 mar. 2021.

FUENTES, Daniel., *et al.* **Neuropsicologia**: Teoria e Prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Cap 2-9.

GUDJONSSON, Gisli H. **The Psychology of Interrogations and Confessions A Handbook**. Londres: Wiley, 2003.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

JANNIRO, Michael J. **Interview and Interrogation**. Department Of Defense Polygraph Institute, 1991. Disponível em:
<https://antipolygraph.org/documents/dodpi-interrogation.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

JOAQUIM, Rui Mateus. (org). **Neuropsicologia Forense e Detecção de Mentiras**: Enfrentando Crimes Contra a Administração da Justiça. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2019.

KNAPP. Mark I., HALL. Judith A., HORGAN. Terrence G. **Nonverbal Communication in Human Interaction**. 8. ed. Boston: Wadsworth, 2017.

MATSUMOTO, David. FRANK, Mark G. HWANG, Hyi Sung. **Nonverbal Communication**: Science and Applications. Thousand Oaks: *SAGE Publications*, 2013.

PESSOTTI, Alice Melo; ORTEGA, Antonio Carlos; ALENCAR, Heloisa Moulin de Juízo moral e trapaça em uma perspectiva psicogenética. **Ciência Cognitiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.3, p. 167-181, dez. 2011. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212011000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2021.

NEATH, Ian., SURPRENANT, Aimée M. **Human Memory**: An Introduction to Research, Data and Theory. 2. ed. Belmonte: Wadsworth/Thomson Learning, Inc., 2003.

NOVOTNY, Eric., CARR, Zachary., FRANK, Mark., DIETRICH, S., SHADDOCK, Timothy., CARDWELL, Megan., DECKER, Andrea. How People Really Suspect and Discover Lies. **Journal of Nonverbal Behavior** [online], v. 42, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/319497658_How_People_Really_Suspect_and_Discover_Lies. Acesso em: 4 abr. 2021.

OLIVEIRA, Helena Mendes; ALBUQUERQUE, Pedro Barbas de. Mecanismos Explicativos das Falsas Memórias no Paradigma DRM. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 554-564, set. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722015000300554&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2021.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth E. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AHMG Editora LTDA, 2013.

PERGHER, Giovanni Kuckartz; STEIN, Lilian Milnitsky. Entrevista cognitiva e terapia cognitivo-comportamental: do âmbito forense à clínica. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 11-20, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-5687200500020002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 abr. 2021.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Ed. Lafonte. 2017, 83 p.

PLATÃO. **Sobre A Mentira**. Santa Maria: Pallotti, 2020.

RADVANSKY, Gabriel, A. **Human Memory**. 3. ed. Nova Iorque: Routledge, 2017.

REIS, A.C.; DIPE, V.C.; MANUEL, E.J. **A importância da construção de regras para o desenvolvimento da moralidade infantil**. In: Congresso Paulistano de Educação Física Escolar, 2009, São Paulo. Anais [...]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242628890_A_importancia_da_construca

o_de_regras_para_o_desenvolvimento_da_moralidade_Infantil_The_importance_of_rules%27_construction_for_the_development_of_child_morality. Acesso em: 11 mar. 2021.

REIS., Pereira Caroline., RIBEIRO., Bruna Rodrigues., JOAQUIM., Rui Mateus. Detecção de Mentira: Revisão de Literatura dos Estudos Realizados na Última Década. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics** [online], v. 2 n. 2, p. 179-189, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rui-Joaquim-2/publication/276404509_Deteccao_de_Mentira_Revisao_de_Literatura_dos_Estudos_Realizados_na_Ultima_Decada/links/5621841708ae93a5c927e0bc/Deteccao-de-Mentira-Revisao-de-Literatura-dos-Estudos-Realizados-na-Ultima-Decada.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.

RHODES, M., BONAIVITZ, E., SHAFTO, P., CHEN, A., & CAGLAR, L. Controlling the message: preschoolers' use of information to teach and deceive others. **Frontiers in Psychology**, [online], v. 6, n. 867, 2015. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2015.00867>. Acesso em: 01 mar. 2021.

ROVINSKI, Sonia L. R., CRUZ, Roberto Moraes. **Psicologia Jurídica: Perspectivas Teóricas e Processos de Intervenção**. São Paulo: Vetor, 2009.

SALEKIN, Randal T. et al. Deception In Children and Adolescents. In: ROGERS, Richard., BENDER, Scott . **Clinical Assessment of Malingering and Deception**. 4. ed. Nova Iorque: The Guilford Press, 2020. p. 475 - 496.

SCHACTER, Daniel L. **The Seven Sins Of Memory**. Nova Iorque: Mariner Books, 2001.

SHAW, Julia. **The Memory Illusion: Remembering, Forgetting And The Science Of False Memory**. Canadá: Anchor Canada, 2017.

SKINNER. B.F. **Verbal Behavior**. Editora BN Publishing, 1989.

TALWAR, V., LEE, K., BALA, N., & LINDSAY, R. C. (2002). Children's conceptual knowledge of lying and its relation to their actual behaviors: implications for court competence examinations. **Law and human behavior**, v. 26 n. 4, p. 395–415.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/11203997_Children%27s_Conceptual_Knowledge_of_Lying_and_Its_Relation_to_Their_Actual_Behaviors_Implications_for_Court_Competence_Examinations. Acesso em: 14 mar. 2021.

TERRY, W. Scott. **Learning and Memory Basic Principles, Processes, and Procedures**. 5. ed. Nova Iorque: Routledge, 2018.

VRIJ, Aldert. **Detecting Lies and Deceit: Pitfalls and Opportunities**. 2. ed. Inglaterra: John Wiley & Sons, 2008.